



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/a-ursa/>

A ursa: quando uma imagem morde

Camila Benatti Policastro[1]

RESUMO: Abocanhada pelo encontro com a fotografia — e legenda — de uma ursa polar e seus dois filhotes em um arquivo, senti-me compelida a tramar uma narrativa e ficar com este problema. Narrar surge tanto como exercício de pensamento e manuseio arquivístico, como se coloca como desafio ao presente espesso em que vivemos ao costurar sentidos com os fios de uma história. A história/estória da caça e do caçador, invasor e invadido, explorador e explorado, ameaça e ameaçado, se embaralharam no decorrer de uma trama que tem como objetivo compor relações multiespécies, interclimáticas e pluriculturais. Assim, o texto está organizado pelo relato do encontro com a ursa, seguido da investigação do que significa pensar a imagem deste animal ao longo do tempo-espaço, desde a chegada do explorador moderno nas terras do Ártico e o deslocamento da espécie para o Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Arquivo. Narrativa. Multiespécie.

The bear: when an image bites

ABSTRACT: Confronted by the encounter with the photograph—and caption—of a polar bear and her two cubs in an archive, I felt compelled to weave a narrative and stay with this trouble. Narration emerges both as an exercise of thought and archival handling, as well as a challenge to the dense present in which we live by weaving meanings with the threads of a story. The story of the hunt and the hunter, invader and invaded, explorer and explored, threat and threatened, became intertwined in a narrative aimed at composing multispecies, interclimatic, and multicultural relationships. Thus, the text is organized as a recounting of the encounter with the



bear, followed by an investigation into what it means to think about the image of this animal across time and space, from the arrival of the modern explorer in Arctic lands to the species' displacement to Brazil.

KEYWORDS: Archive. Narrative. Multispecies.

Na frase “os ursos nos dão um presente”, existe a ideia de que um diálogo com os animais é possível, ainda que ele se manifeste apenas raramente sob uma forma controlável; existe também a evidência de viver num mundo em que todos se observam, se escutam, se lembram, dão e retomam; existe ainda a atenção cotidiana a outras vidas que não a nossa; existe enfim a razão pela qual me tornei antropóloga.
(Nastassja Martin, 2021, p. 77)

O encontro

De certa forma eu tive, também, um encontro com a ursa. Não visceral, como o de Nastassja Martin (2021), a antropóloga que teve sua face abocanhada por um urso marrom na Rússia. Minha pesquisa arqueogenealógica não regala o encontro carnal com este temível mamífero mais forte e bem adaptado à cadeia alimentar das florestas frias do planeta. Tampouco me proporcionam os aromas e o frescor das matas. Minhas narinas — alérgicas — encontram os odores típicos de um arquivo: mofo e poeira me desafiam nas páginas amareladas dos objetos que esperam o manuseio. Outras espécies me acompanham na pesquisa com as imagens do arquivo: fungos do mofo, os ácaros e as traças do papel guardado ou, mais recentemente, os *bugs* tecnológicos dos arquivos digitais. O manejo arquivístico dispõe desta segurança microscópica. Apesar disso, não deixei de me afetar com o encontro com a ursa-polar.

Em 2021, encontrei-a em uma fotografia em preto e branco (Figura 1), estampada na revista *National Geographic Magazine*, ilustrando um artigo intitulado “O Ártico como uma rota aérea do futuro” (Stefansson, 1922), escrito por outro temível mamífero, o homem branco explorador. À primeira vista, a imagem me tocou pela simpatia do conjunto: uma mãe ursa-polar, acompanhada por dois filhotes. Os três animais centralizados na fotografia ocupando um bloco de gelo flutuante protagonizam a cena e, ao fundo, somente o mar e o céu são cúmplices.

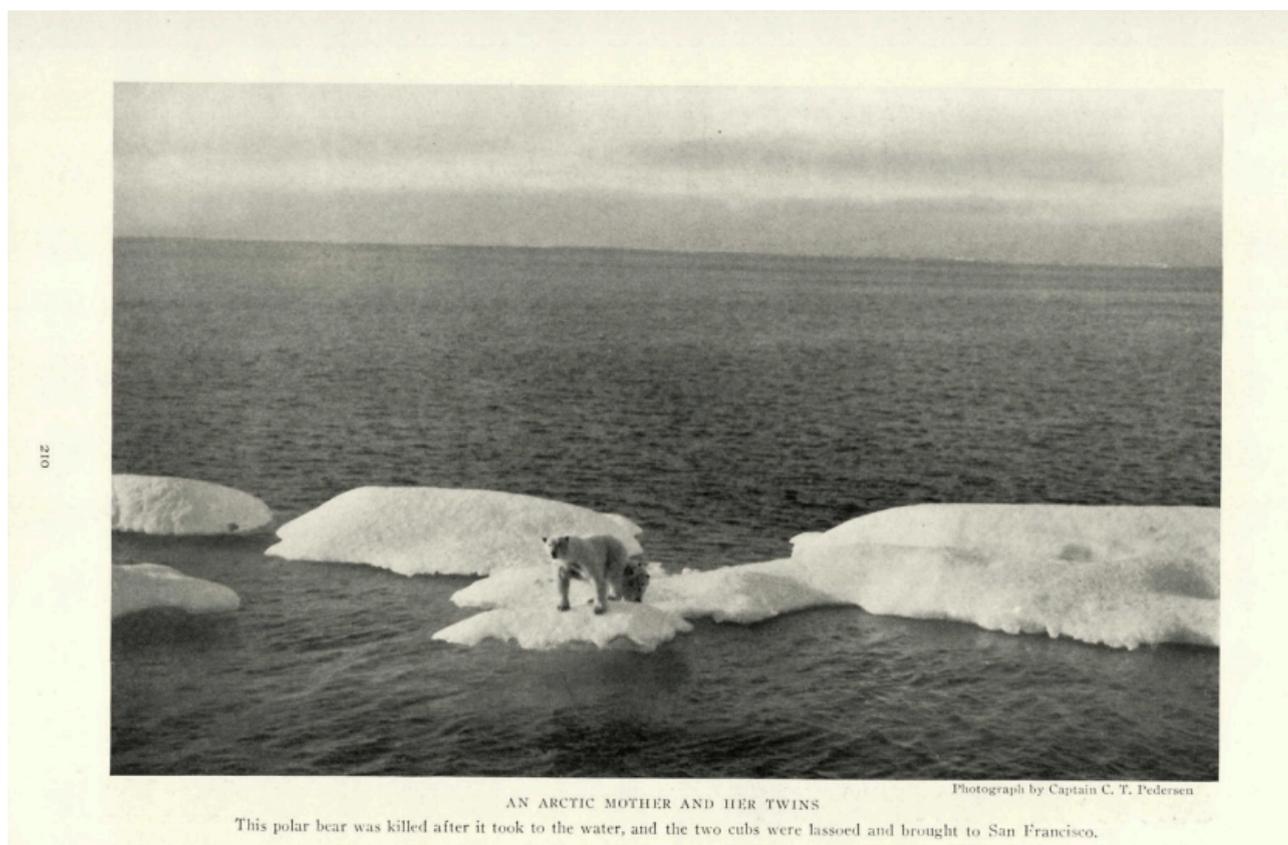


Figura 1: O encontro com a ursa. Fonte: Stefansson, 1922.

A mordida da ursa foi cravada em minha pele ao me dar conta da legenda e sublegenda da fotografia: Uma mãe do Ártico e seus gêmeos, este urso polar foi morto ao entrar na água e os dois filhotes foram laçados e trazidos para São Francisco. Desta forma crua, o entorno linguístico da imagem anunciava a morte da ursa e o rapto dos seus filhotes. Precisei de um tempo para reencontrar meu chão. Parecia que as calotas polares sob meus pés, no conforto do manuseio arquivístico de minha casa, rachavam-se. Afundei-me na tristeza solitária dos arquivistas. Em plena pandemia de Covid-19, na falta de ter com quem compartilhar este sentimento misto de revolta, tristeza e vergonha de minha espécie, recorri ao afago de meu cão. Tal qual Nietzsche abraçou o cavalo em Turim e pediu desculpas, consolei-me com minha espécie companheira.

Só assim tomei coragem para mirar a fotografia novamente e, agora, ela havia mudado: não senti toda a ternura materna que havia me tocado quando me simpatizei com a imagem. A crueza das palavras nas legendas me mordeu. Não havia pudor algum na voz da revista, autor ou dos tantos



revisores que devem ter lido em expor aos seus leitores o assassinato da urso e o sequestro de seus filhotes.

O fato é que há uma centena de anos entre mim e a escrita da legenda dessa fotografia. Cem anos bastaram para a imagem de uma urso-polar mudar de significado: de uma corriqueira cena de expedição exploratória do Ártico no início do século XX, relatada por uma revista de ampla divulgação com intenção de apresentar a geografia deste lugar, para as vistas de uma pesquisadora de imagens em arquivos, amante dos animais, tocada pela arte de morrer e viver bem com outras espécies (Haraway, 2023).

Muito se passou. Mas o que afinal? Como uma imagem faz correr em mim tantas emoções? O que foi construído de saber em uma mulher latina mais ou menos educada do século XXI acerca do que é aceitável ou o que é digno de vergonha quando se encontra uma espécie do Ártico? Como uma certa ética ambiental instaura em mim um olhar para a fotografia da urso-polar e sua legenda? Como esta imagem viajou — e se transformou —, do Ártico para a América do Sul, de 1922 para o presente?

Para apresentar essa tropa de sentidos ao longo do tempo, neste presente espesso em que vivemos, de urgências climáticas, extinção de espécies, devastação de biomas e naturezas-culturas, demanda-se contar histórias (Kenney, 2019; Haraway, 2023). Byung Chul-Han (2023) reitera o diagnóstico ao dar luz à crise da narração: na era da informação, estamos muito bem-informados, porém, desorientados, pois estamos perdendo a capacidade de narrar. Segundo ele, narrar é transportar sentidos, não acumular dados; narrar exercita um olhar longo, lento e demorado. Assim, ficar com a mordida da urso polar me surge como exercício de narração a partir do encontro. Puxar os fios dessa história/estória a fim de sentir e fazer sentir um pouco mais esse encontro entre mundos: urso e filhotes, pesquisadores exploradores e arquivistas, ácaros, mofo, cão e *bugs* tecnológicos. Me sinto encorajada a narrar as tramas dessa história e, assim, compor relações específicas, pois “importa quais histórias produzem mundos, quais mundos produzem histórias” (Haraway, p. 27, 2023).

A urso



Ao ser mordida pela ursa, comecei minha cicatrização pela investigação sobre a espécie. Deparei-me com inúmeras revistas, documentários, livros e artigos sobre ela e, assim, aprendi algumas coisas. Os ursos polares vivem somente no Ártico, em regiões que incluem áreas da Rússia, Groenlândia, Noruega e Estados Unidos. No entanto, é no Canadá que mais de 80% da população de ursos polares habita. Os Inuvialuit, grupo indígena Inuit que vive nas regiões árticas do Oeste do Canadá, têm um número considerável de palavras para o equivalente a urso polar: *Nanuaraaluk*, para se referir a um filhote; *Nurraiyaat*, os recém-nascidos ainda nas tocas; *Atauhimik ukiulik*, os filhotes de um ano; *Nanuaq* são os ursos jovens; *Anguhaluq*, os machos adultos; *Arnahaluq narranilu*, as fêmeas adultas sem filhotes e, por fim, *Nanuaq* para generalizar estes ursos todos (WMACNS, 2024).

O vasto arsenal de palavras para a espécie nos aponta, pelo menos, duas importantes considerações: primeiro que os Inuvialuit têm uma profunda relação com os ursos e segundo que, conhecendo amplamente o animal, as características marcantes em cada estágio da vida, seja na idade ou nos hábitos, são nomeados distintamente. Assim como chamamos lagarta de lagarta e borboleta de borboleta, eles parecem nos dizer que a categoria “espécie” é limitante quando as histórias se entrelaçam.

Outra lição que aprendi: os pelos dos ursos polares não são brancos. Na verdade, são transparentes. Abaixo dessa pelagem, os ursos polares têm uma pele preta. Os Inuvialuit contam que a espécie é realmente muito inteligente. Ao caçar as focas em suas tocas, os ursos esperam ao lado de fora cobrindo com as patas o nariz preto, para se camuflarem com o gelo perfeitamente. Além desta, outras táticas de caça foram aprendidas com a observação paciente e o compartilhamento dos saberes entre gerações de Inuits e ursos (WMACNS, 2024). Os Inuits, agora, nos chamam a atenção para como a relação entre humanos e ursos é uma história de coadaptação que está ameaçada (Figura 2). Aprender com ursos está em extinção.

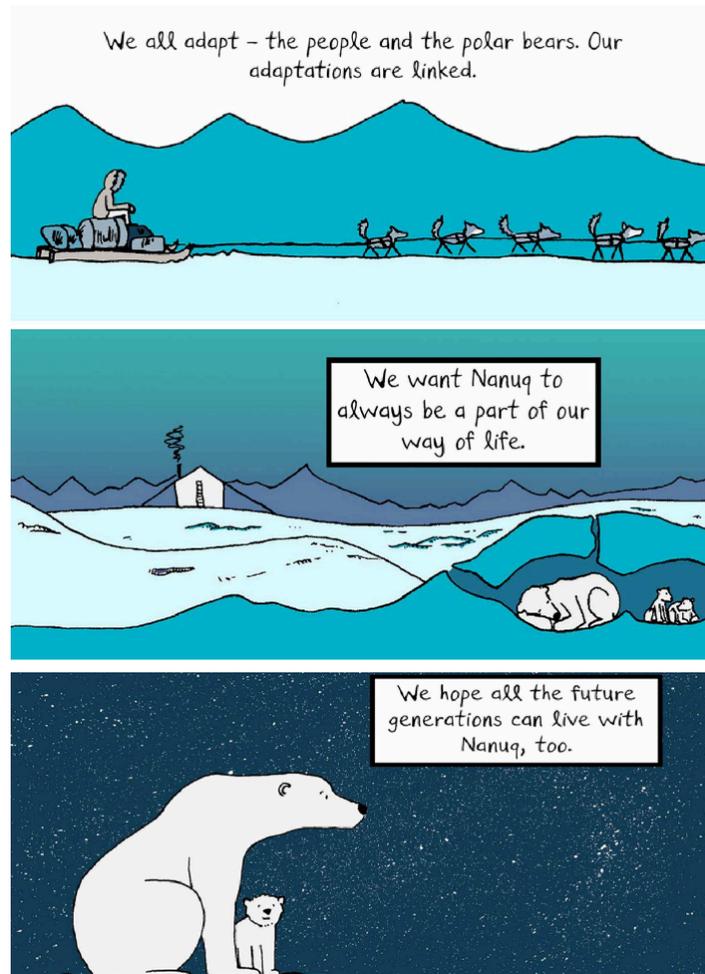


Figura 2: Ursos polares ameaçados. Fonte: Montagem de imagens a partir de WMACNS, 2024.

O urso polar como espécie ameaçada é uma narrativa comum no final do século XX e início do século XXI. Mas, mais que compreendê-los como espécie em extinção, as visualidades saturantes da contemporaneidade nos indicam que a espécie é porta-bandeira de uma ameaça especial: a climática. Uma rápida busca por “Mudanças Climáticas” na plataforma de pesquisa Google Images, apresenta-nos uma série de imagens em que ursos polares ilustram os impactos do aquecimento global (Figura 3).

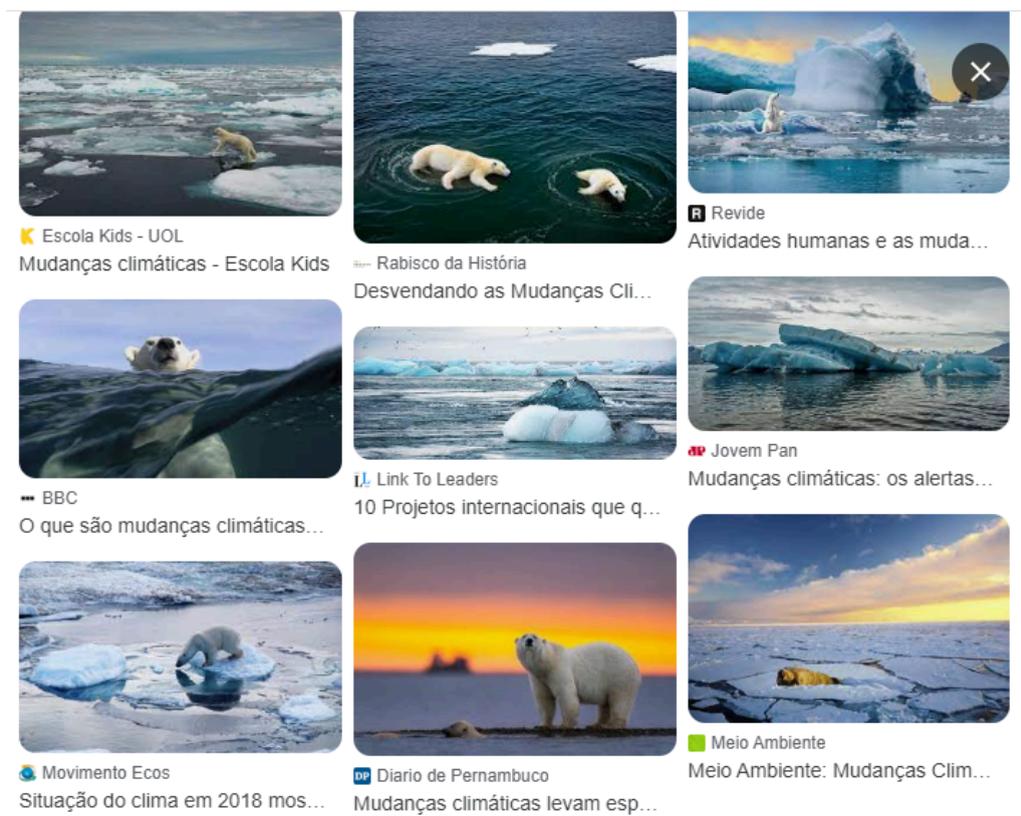
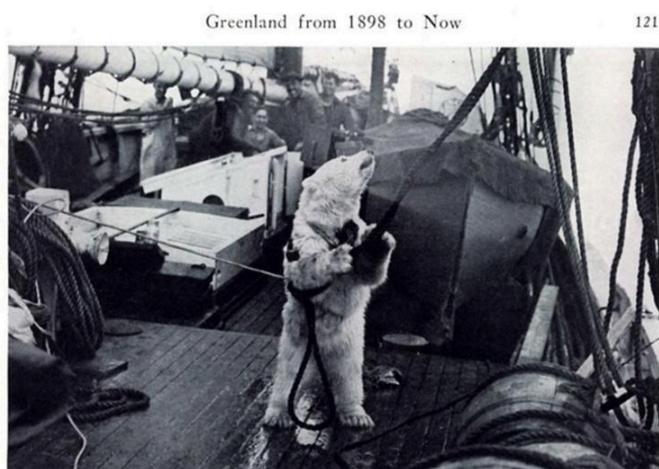
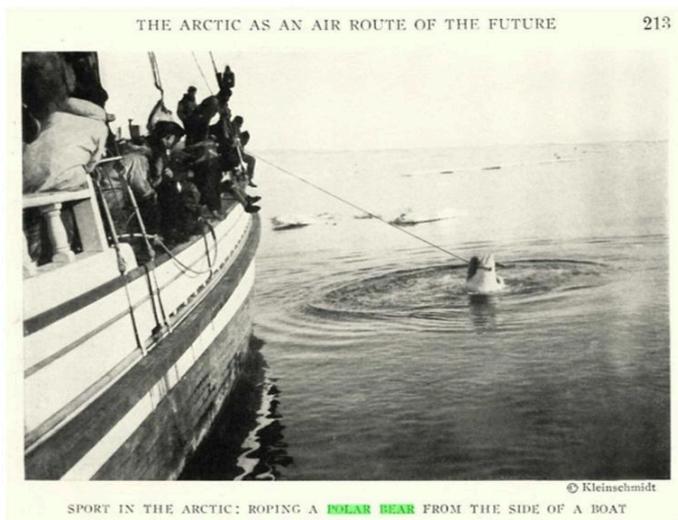
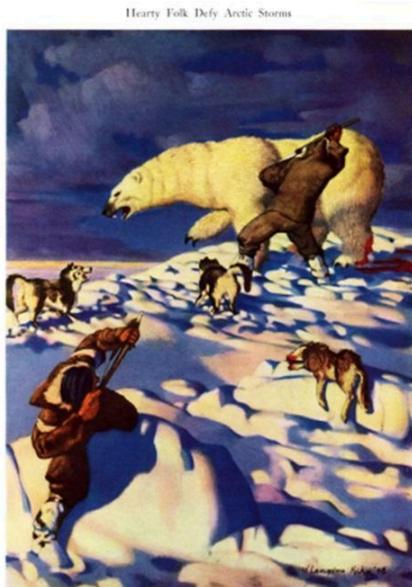


Figura 3: Ursos polares e as mudanças climáticas. Fonte: Captura de tela realizada pela autora. 2024

A sensibilização da imagem do urso polar como ameaçado pelas mudanças climáticas sobrepõem-se à ideia de espécie ameaçadora, tal como era vista no início do século XX pelos exploradores. Quando o homem branco moderno realizou suas primeiras expedições ao Ártico, além de lutar contra as adversidades da geografia local, surpreendeu-se com o maior carnívoro terrestre encontrado. Em relatos de viagens exploratórias na revista National Geographic Magazine o urso polar é tido como um assassino feroz e faminto. Assim, torna-se triunfal sua caça e atraente a captura para exposição em zoológicos, circos e outras exposições (Figura 4).



An Ugly Customer Was This Polar Bear Cub Caught for the Philadelphia Zoo
When the boys approached, it ran away from its mother instead of staying with her as most of its kind would do. They had a real battle to lasso it and get it aboard. Here it is snarling defiance as it stands tearing at the ropes which have hauled it on deck.

Figura 4: Caça, captura e exploração de ursos polares. Fonte: Montagem de imagens a partir de National Geographic Magazine e Agência de Notícias Anarquistas, 2024.

Migração para o sul

Os *Ursus maritimus*, assim como são conhecidos pela voz da ciência moderna, chegaram ao Brasil em 2014, após dois anos de negociações com um zoológico russo, onde os animais viviam em cativeiros menores (UOL, 2015). O casal de ursos polares é uma das principais atrações do Aquário de São Paulo e, por lá, são conhecidos como Aurora e Peregrino. Aurora, a fêmea de quase metade do tamanho do macho, foi encontrada ainda filhote sozinha, sem vestígios de sua mãe urso que, segundo visitas guiadas no Aquário, provavelmente teria sido caçada e morta. Aurora, por ainda



ser filhote, não conseguiria sobreviver na natureza-selvagem sem o treinamento e cuidados maternos. Já o macho Peregrino é a terceira geração de urso polar nascido em cativeiro no zoológico russo, que devido ao excesso de animais, abriu concorrência entre zoológicos e outras instituições para a transferência da espécie. Após vencer a concorrência, o Aquário de São Paulo recebeu a dupla com entusiasmo e comoção pública. Diversas críticas surgiram à respeito das condições de vida selvagem em ambientes mistos de entretenimento e educação. O Aquário, no entanto, esclarece que estes animais nunca estiveram em ambientes naturais e que a liberdade já não é possível para a dupla.

Para habitarem a região intertropical brasileira, além de justificativas ancoradas no caráter de uma educação ambiental e na conservação da espécie, é necessário uma série de materialidades específicas: ar-condicionados superpotentes, refrigeradores da água do tanque, máquinas que produzem neve, vidros ultraresistentes que separam e protegem a acústica entre público e os animais no aquário, equipamentos de medicina veterinária para animais de grande porte, quilos e mais quilos diários de carne, legumes, frutas etc. Além disso, uma série de pessoas treinadas com saberes específicos: desde médicos-veterinários, nutricionistas, biólogos e estagiários de educação ambiental que a todo momento acompanham o público visitante tirando dúvidas e trazendo curiosidades sobre a vida de Aurora e Peregrino. Viver relações multiespécie, interclimáticas e pluriculturais demanda esforço. Em que época, se não esta, isso seria possível e aceitável?

Migrações para o norte

Tecnologias e saberes específicos também permitiram que o homem branco explorador realizasse suas viagens no Ártico em 1922: navios, bússolas, roupas, técnicas de aquecimento para a tripulação, habilidades de navegação etc. Além de uma motivação historicamente situada que forjou pesquisadores a desbravarem o mundo a fim de compreender diferenças geográficas destinadas ao entretenimento e educação em revistas, rádios e jornais. Para Linda Tuhiwai Smith (2018), “pesquisa” é uma palavra suja, ligada inerentemente ao colonialismo e imperialismo europeu: “é uma história que ainda fere, no mais profundo sentido, a nossa humanidade” (p. 11).

O pesquisador e autor do relato de viagem em que fui ferida pela ursa polar, Vilhjalmur Stefansson, explorou a história do Ártico canadense por um longo período, condensando uma vasta produção de artigos e livros. Stefansson ganhou notoriedade pelo reconhecimento da cultura Inuit, na época



chamada pelos meios de comunicação como “Blond Eskimos”. Ao me deparar com seu obituário (Sullivan, 1968), reconheço uma tragédia que parelha história de pesquisador com o pesquisado, ameaça e ameaçado. Logo após o nascimento de Stefansson a vila em que morava ficou ilhada por uma inundação, o que levou a desnutrição da população sitiada seguida pelo falecimento de seus dois irmãos pequenos. Em seguida, sua família decidiu migrar para novas terras fugindo de futuras ameaças climáticas que assolavam aquela região.

A semelhança trágica nas histórias entre ursos e homens também assombrou a biografia do fotógrafo da imagem, o capitão da embarcação. Christian Theodore Pedersen, com anos de exploração ao lado de Stefansson, após discordar de rotas propostas pelo pesquisador, se desliga do trabalho e começa a navegar para desenvolver um comércio de peles e caça. O capitão *desbravou* territórios, *desvendou* o clima ártico e *despelou* inúmeras espécies nativas para o comércio da época, entre elas raposas, focas e ursos polares. Assim, Pedersen ficou conhecido pelos Inuits como *Peelersen*, em alusão ao verbo *to peel* que em inglês significa *descamar, descascar, despelar*. Depois de 50 anos de invasão e violência no Ártico, ele e sua esposa, mudaram-se para a Califórnia, onde posteriormente foi assassinado por invasores em sua casa (Johansson; MacFarlane, 1990). Violências permeiam as histórias multiespécies, interclimáticas e pluriculturais. Em que época, se não aquela, isso seria possível?

Importa quais estórias contam estórias

Fiquei com a urso. Coletei, juntei, separei, compus arquivos. A narrativa não acaba com a estória, a cicatriz da mordida é visível. Marca na pele. A imagem da urso e seus filhotes, permitiu uma demora do olhar, atenção, cuidado e cultivo de arquivos. Pois, ao situar uma certa ética ambiental que se instaura em cada estrato de tempo se constitui um exercício de dar luz a histórias/estórias que demandam um olhar longo, lento e demorado. Este tempo que é inerente ao manuseio de arquivos, coleta-se e se compõem uma narrativa (Le Guin, 2021). Ao fazê-lo, há sempre algo que resta, que escapa, que se perde, pois “Uma reprodução sem falhas da vivência não é uma narrativa, mas um relatório ou registro. Quem quiser narrar ou recordar, precisa ser capaz de esquecer ou deixar escapar muita coisa” (Han, p. 56-57, 2023).

Assim, lidar com um arquivo é deixar de fora muita coisa. Deixar fora permite lacunas importantíssimas para a sensibilização que parecem — e devem — confundir, mais que definir. Ao



contrário de propor soluções, ficar com uma estória nos permite tramar uma teia de sentidos no encontro entre mundos. Encontro este de ursa, pesquisadora, exploradores, povos indígenas, revista de infoentretenimento, estabelecimento de educação e conservação ambiental, leitores etc. Ou seja, um encontro que não se restringe ao que é narrado, mas, principalmente, se constitui com o que se narra. Não há espaço para assepsia, transparência e definições. Narrar como coleta implica o manuseio. Uma mão que colhe e recolhe. Contamina. Em que época, se não esta, escrever textos de relações multiespécies, interclimáticas e pluriculturais, seria possível?

Bibliografia

HAN, Byung-Chul. **A crise da narração**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

HARAWAY, Donna J. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

JOHANSSON, Sven; MACFARLANE, John. Captain Christian Theodore Pedersen and the Western Arctic Fur Trade. **The Nauticapedia**: The Virtual Maritime Museum of Western North America, 1990. Disponível em: < http://www.nauticapedia.ca/Articles/Arctic_CTPedersen1.php>, acesso em 18 de setembro de 2024.

KENNEY, Martha. Fables of Response-ability: feminist science studies as didactic literature. **Catalyst: Feminism, Theory, Technoscience**, 5 (1), p. 1-39. ISSN: 2380-3312, 2019.

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa da ficção**. São Paulo: n-1 edições, 2021.

MARTIN, Nastassja. **Escute as feras**. São Paulo: Editora 34, 2021.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando metodologias**: pesquisa e povos indígenas. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

STEFANSSON, Vilhjalmur. "The Arctic as an Air Route of the Future." **National Geographic Magazine**, vol. XLII, no. Two, Aug. 1922, pp. 205+. Disponível em: <link.gale.com/apps/doc/ASEG DY131425554/NGMA?u=udesc_br&sid=bookmarkNGMA&xid=d4fb8910>. Acesso em 24 de julho de 2024.

SULLIVAN, Walter. **Obituary: Vilhjalmur Stefansson** 1879-1962. *Geographical Review*. Published By: Taylor & Francis, Ltd. Vol. 53, No. 2, Apr., 1963), pp. 287-291. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/212514>>, acesso em 18 de setembro de 2024.



UOL. Aquário de São Paulo apresenta primeiros ursos polares no Brasil. **Meio Ambiente**. Publicado em 14/04/2015. Disponível em:

<<https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2015/04/14/aquario-de-sa-o-paulo-apresenta-primeiros-ursos-polares-do-brasil.htm?cmpid=copiaecola>>, acesso em 25 de setembro de 2024.

WMACNS. **Sharing Knowledge of Nanuq - Wildlife Management Advisory Council (North Slope)**. Disponível em:

<<https://wmacns.ca/yukon-north-slope/wildlife/nanuq/sharing-knowledge-nanuq/>> acesso em 18 de setembro de 2024.

Recebido em: 15/09/2024

Aceito em: 15/11/2024

[1] Universidade do Estado de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação. Email: camilabpolicastro@gmail.com